



# Algoritmos e Estruturas de Dados II

# MCCC002-23 Árvores

Prof. Carlo Kleber carlo.kleber@ufabc.edu.br

#### **UFABC**

## Sumário

- 1. Introdução
- 2. Definição Básica
- 3. Nomeclatura
- 4. Árvores Ordenadas
- 5. Árvores Binárias
- 6. Árvores Binárias de Busca
- 7. Árvores Balanceadas
- 8. Árvores de Difusão
- 9. Árvores B
- 10. Árvores Digitais
- 11. Síntese Final

Parte Prática e Referências





# 1. Introdução

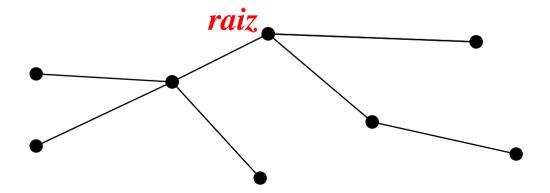


- Neste módulo analisamos tópicos relacionados a Árvores
- Em diversas aplicações necessita-se de estruturas mais complexas do que as puramente sequenciais.
- Entre essas, destacam-se as árvores, por existirem inúmeros problemas práticos que podem ser modelados por meio delas. Além disso, em geral, admitem um tratamento computacional relativamente simples e eficiente.

# 2. Definição Básica

**Árvores** são estruturas das mais usadas em computação. São usadas para representar hierarquias.

Uma árvore pode ser entendida como um grafo acíclico conexo onde um dos vértices ou nós, chamado raiz da árvore, é diferenciado dos demais.



# 2. Definição Básica

Uma **árvore** enraizada **T**, ou simplesmente **árvore**, é um conjunto finito de elementos denominados **vértices** ou **nós** tal que:

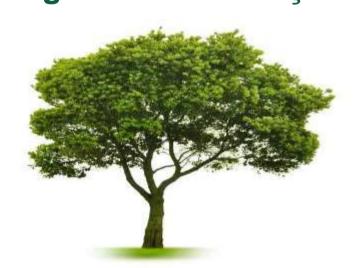


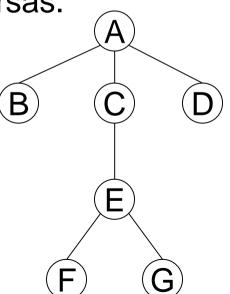
- T = Ø, e a árvore é dita vazia ou
- Existe um nó especial r, chamado raiz de T; os nós restantes constituem um único conjunto vazio ou são divididos em m ≥ 1 conjuntos disjuntos não vazios, as subárvores de r, ou simplesmente subárvores, cada qual por sua vez uma árvore.

#### **UFABC**

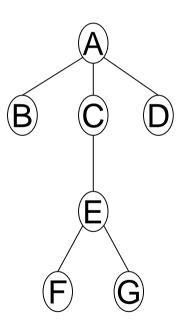
# 2. Definição Básica

Uma floresta é um conjunto de árvores. É comum associar-se rótulos aos nós das árvores para que possamos nos referir a eles. Na prática, os nós são usados para guardar informações diversas.





#### 3. Nomeclatura

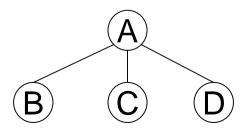


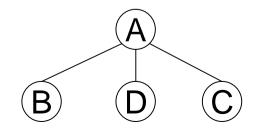
- A é o pai de B, C e D.
- B, C e D são **filhos** de A.
- B, C e D são irmãos.
- A é um ancestral de G.
- G é um descendente de A.
- B, D, F e G são nós folhas (nós que não têm filhos).
- A, C e E são nós interiores (nós que têm filhos).
- Nós internos são os nós que contém as chaves.
- Nós externos são nós que não pertencem à árvore, são representados pelas subárvores vazias ou nós nulos.
- O grau do nó A é 3.
- O comprimento do caminho entre C e G é 2, que corresponde ao número de arestas entre os nós.
- O **nível** de A (**raiz**) é 1 e o de G é 4. A **altura** da árvore é 4 (nível do nó mais profundo).



#### 4. Árvores Ordenadas

- Se é considerada a ordem entre os filhos de cada nó, a árvore é chamada de ordenada.
- Pode-se definir o conceito de árvores isomorfas quando elas têm a mesma relação de incidência entre nós mas são desenhadas de forma diferente, isto é, são distintas quando consideradas como árvores ordenadas.





Exemplo de árvores isomorfas.



# 5. Árvores Binárias





## 5. Árvores Binárias

#### Uma árvore binária é:

- Uma árvore vazia ou
- Um nó raiz e duas subárvores binárias denominadas subárvore direita e subárvore esquerda, sendo que estas podem ser vazias (uma ou as duas) ou não.

Observe que em uma árvore binária os filhos de cada nó têm nomes (filho esquerdo e filho direito)



Exemplo: Essas árvores binárias são **diferentes** entre si.

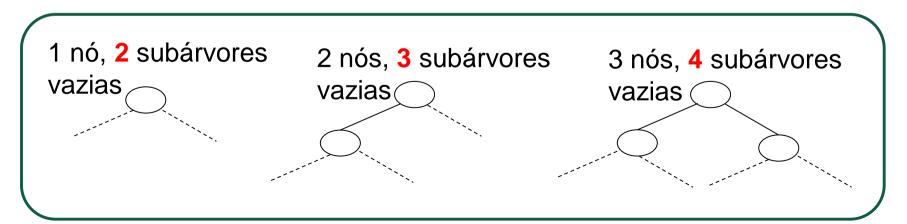


## 5.1 Subárvores Vazias



Se uma árvore binária tem n > 0 nós, então ela possui n+1 subárvores vazias. Para ver isso, observe que:

- Uma árvore binária com um só nó tem 2 subárvores vazias
- Sempre que "penduramos" um novo nó numa árvore binária, o número de nós cresce de 1 e o de subárvores vazias também cresce de 1



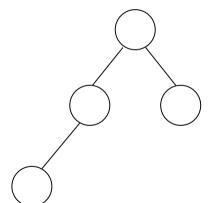
# 5.1 Tipos

- Uma árvore binária é estritamente binária se e somente se todos os seus nós têm 0 ou 2 filhos.
- Uma árvore binária completa é aquela em que todas as subárvores vazias são filhas de nós do último ou penúltimo nível.
- Uma árvore binária cheia é aquela em que todas as subárvores vazias são filhas de nós do último nível.

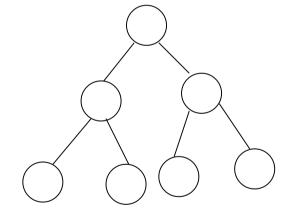


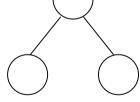
# 5.1 Tipos

#### **Completa**



#### Cheia





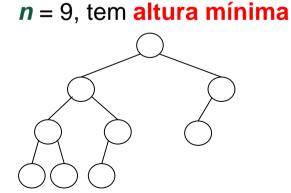
binária

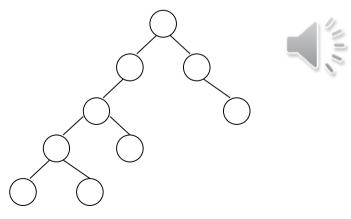
**Estritamente** 

#### 5.2 Altura

- O processo de busca em árvores é normalmente feito a partir da raiz na direção de alguma de suas folhas. Naturalmente, são de especial interesse as árvores com a menor altura possível
- A altura mínima de uma árvore binária com n > 0 nós é
   h = 1 + log<sub>2</sub> n

**Ex.**: se 
$$n = 9$$
 então  $h = 1 + 3 = 4$ 



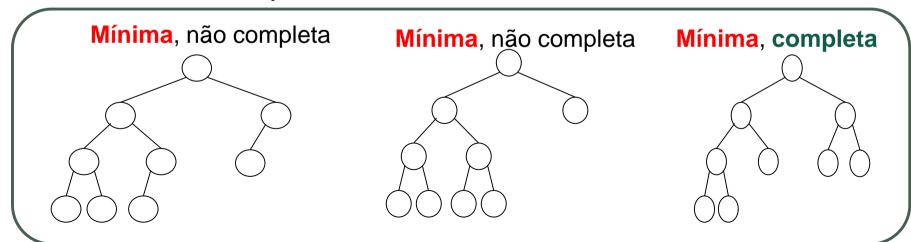


n = 9, não tem altura mínima

#### 5.2 Altura



- Se uma árvore binária T com n > 0 nós é completa, então ela tem altura mínima.
- Para ver isso, observe que mesmo que uma árvore de altura mínima não seja completa é possível torná-la completa movendo folhas para níveis mais altos.





# 5.3 Implementação

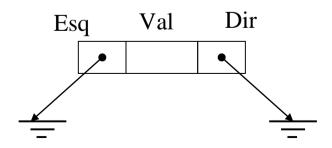
- Via-de-regra, árvores são implementadas com ponteiros.
- Cada nó X contém 3 campos:

X. Val: valor armazenado no nó.

X.Esq: ponteiro p/ árvore esquerda.

X.Dir: ponteiro p/ árvore direita.

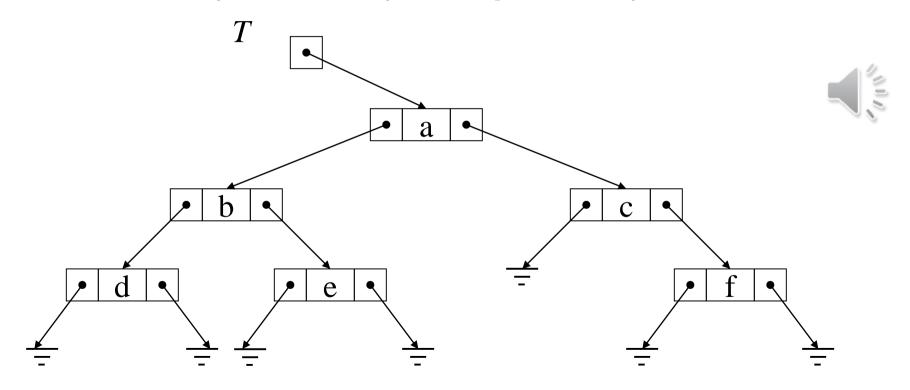






# 5.3 Implementação

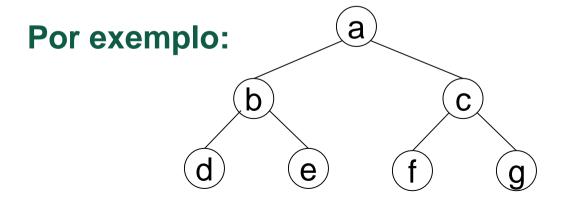
Uma árvore é representada por um ponteiro para seu nó raiz



#### **5.4 Percurso**

Existem essencialmente 03 (três) ordens de se percorrer os nós de uma árvore binária.

- Pré-ordem: raiz, esquerda, direita.
- Pós-ordem: esquerda, direita, raiz.
- Ordem simétrica (In-ordem): esquerda, raiz, direita.



Pré-ordem: a, b, d, e, c, f, g

Pós-ordem: d, e, b, f, g, c, a

Simétrica: d, b, e, a, f, c, g

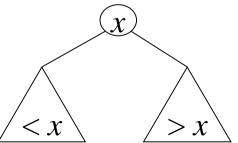
## 6. Árvores Binárias de Busca (ABB)





#### 6. Árvores Binárias de Busca (ABB)

- Uma maneira simples e popular de implementar dicionários é uma estrutura de dados conhecida como árvore binária de busca.
- Numa árvore binária de busca, todas as chaves dos nós da subárvore à esquerda de um nó contendo uma chave x são menores que x e, ainda, todas as chaves dos nós da subárvore à direita são maiores que x.
- Supõe-se que não existem chaves de valores iguais.





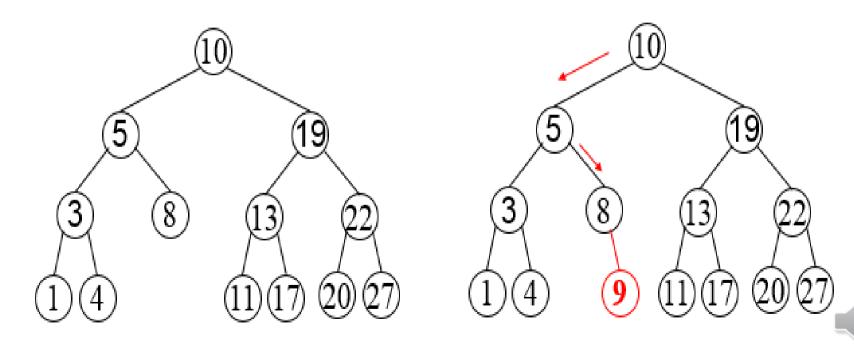
## 6.1 Busca e Inserção em ABB

```
proc Buscar (Chave x, Árvore T)
  se T = Nulo então retornar falso
  se x = T^{\Lambda} Val então retornar verdadeiro
  se x < T^*.Val então retornar Buscar (x, T^*.Esq)
  retornar Buscar (x, T^.Dir)
proc Inserir (Chave x, var Árvore T)
  se T = Nulo então {
      T ← Alocar (NoArvore)
      T^{*}.Val, T^{*}.Esq, T^{*}.Dir \leftarrow x, Nulo, Nulo
  senão {
     se x < T^*.Val então Inserir (x, T^*.Esq)
     se x > T^{*}.Val então Inserir (x, T^{*}.Dir)
```



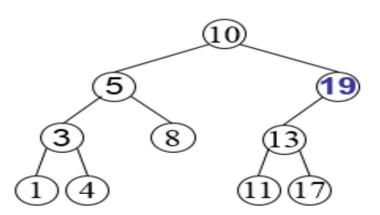
# 6.1 Busca e Inserção em ABB

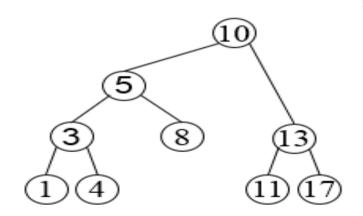
Exemplo: Inserir (9, T)



- Para remover uma chave x de uma árvore T temos que distinguir os seguintes casos:
  - Caso 1) x está numa folha de T: neste caso, a folha pode ser simplesmente removida
  - Caso 2) está num nó que tem sua subárvore esquerda ou direita vazia: neste caso o nó é removido e substituído pela subárvore não nula

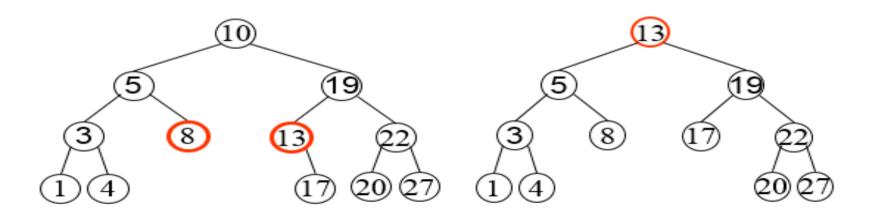
Exemplo: Remover (19, T)





- 3) Se x está num nó em que ambas subárvores são não nulas: é
  preciso encontrar uma chave y que a possa substituir.
  - Há duas chaves candidatas naturais:
    - Caso 3.1) A menor das chaves maiores que x ou
    - · Caso 3.2) A maior das chaves menores que x

Exemplo: Remover (10, T) Neste exemplo, optou-se por 3.1

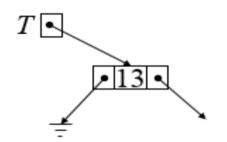


• Caso 3.1: A rotina considera a situação em que se desce na árvore até encontrar um filho esquerdo que não tem mais filho esquerdo, apenas filho direito. A chave retornada é justamente esse filho esquerdo e a raiz da árvore passa a ser o filho direito.

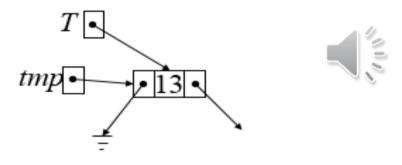
```
proc RemoverMenor (var Árvore T)
   se T^.Esq = Nulo então
      tmp \leftarrow T
      v \leftarrow T^{*}.Val
      T \leftarrow T^{\wedge}.Dir
      Liberar (tmp)
      retornar y
   senão
      retornar RemoverMenor (T^.Esq)
```



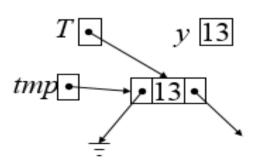
Árvore sem filho esquerdo, apenas direito.



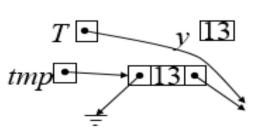
(2)



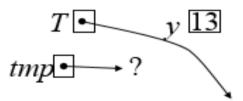
(3)



(4)



Árvore passa a ser o então filho direito.



```
proc Remover (Chave x, var Árvore T)
  se T ≠ Nulo então
     se x < T^*.val então Remover(x, T^*.Esq)
     senão se x > T^*.val então Remover(x, T^*.Dir)
     senão
        se T^.Esq = Nulo então % Caso 1 %
          tmp \leftarrow T
          T ← T^.Dir
          Liberar (tmp)
        senão se T^.Dir = Nulo então % Caso 2 %
          tmp \leftarrow T
          T \leftarrow T^*.Esq
          Liberar (tmp)
        senão T^.Val ← RemoverMenor (T^.Dir) % Caso 3.1 %
```



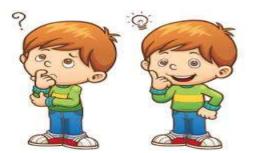
# 6.3 Complexidade em ABB



- A busca em uma árvore binária tem complexidade O(h), onde h é a altura da árvore.
- A altura de uma árvore é, no pior caso, n, e, no melhor caso, log<sub>2</sub> n + 1 (altura de árvore completa).
- Inserção e remoção também têm complexidade de pior caso O(h) e, portanto, a inserção ou a remoção de n chaves toma tempo O(n²), no pior caso, ou O(n log n), se pudermos garantir que árvore tem altura logarítmica.

# 6.4 Altura Logarítmica

- Pode-se garantir a construção de uma ABB de altura logarítmica para uma dada coleção de chaves se, toda vez que temos de escolher uma chave para inserir, optamos pela MEDIANA.
- Neste caso, a construção da ABB leva O(n log n).



# 6.4 Altura Logarítmica

Nem sempre, entretanto, podemos garantir que conhecemos todas as chaves de antemão. O que esperar em geral?

- A altura da ABB final depende da ordem de inserção.
- Temos n! possíveis ordens de inserção.
- Porém, se todas as ordens são igualmente prováveis, no caso médio, teremos uma árvore de altura ≈ 1 + 2,4 log n

Ou seja, no caso médio, a altura de uma ABB é O(log n).

- A ABB ótima é aquela árvore que minimiza o número total de comparações que precisamos fazer durante a busca de uma chave.
- Como calcular o número de comparações?
- EXTRACLASSE: Szwarcfiter, J. L.; Markenzon,
   L. Estruturas de dados e seus algoritmos.
   Editora LTC, 2ª edição, 1994.





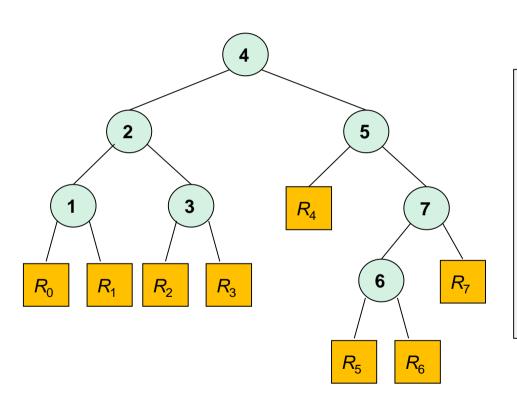


- Se a chave buscada é uma chave s<sub>k</sub> pertencente à árvore, o número de comparações é o nível da chave na árvore, isto é, I<sub>k</sub> (comprimento de caminho interno).
- Se a chave buscada s<sub>k</sub> não pertence à árvore, o número de comparações é o nível da subárvore vazia ou nula (nó externo) menos 1, que encontramos durante o processo de busca, isto é, l'<sub>k</sub>-1 (comprimento de caminho externo).





- Explica-se que:
- Cada <u>subárvore nula</u> R<sub>i</sub> corresponde na verdade a um intervalo entre duas chaves da árvore, digamos s<sub>i</sub> e s<sub>i+1</sub>, isto é, s<sub>i</sub> < x < s<sub>i+1</sub> para algum i entre 1 e n-1.
- Os casos extremos  $R_0$  e  $R_n$  correspondem a  $x < s_1$  e  $s_n < x$ .
- O número de comparações para encontrar x neste caso, é o nível dessa <u>subárvore nula</u> menos 1, isto é, l'<sub>k</sub> 1.



- Comprimento de Caminho Interno:  $I(T) = \sum_{1 < i < n} I_i$
- Comprimento de Caminho Externo  $E(T) = \sum_{0 \le i \le n} (I_i - 1)$
- No exemplo,
   I(T)=1+2\*2+3\*3+4=18
   E(T)=2+5\*3+2\*4=25
- Em geral, E(T)=I(T)+n





- Veja que neste caso estamos admitindo que as frequências de acesso às diferentes chaves são todas idênticas. Ou seja, admitimos uma probabilidade uniforme de acesso.
- ATENÇÃO: Neste cenário, as árvores completas minimizam tanto E(T) quanto I(T) e são, portanto, ABB ótimas.
- ENTRETANTO, se a distribuição de probabilidade não é uniforme, precisamos de uma modelagem mais elaborada.

#### Sejam:

- $f_k$  a frequência de acesso à k-ésima chave, em T no nível  $I_k$ ;
- f'<sub>k</sub> a frequência de acesso a chaves que serão buscadas nos nós externos R<sub>k</sub>, em T no nível I'<sub>k</sub>

Então, o custo médio de acesso é dado por:

$$c(T) = \sum_{1 \le k \le n} f_k l_k + \sum_{0 \le k \le n} f'_k (l'_k - 1)$$



### 6.5 ABB Ótima

Uma OBSERVAÇÃO sobre o custo de acesso e o custo de construção da ABB Ótima no slide a seguir...





### 6.5 ABB Ótima

Para calcular o custo de acesso da ABB ótima, bem como construir a mesma, é possível obter um algoritmo de complexidade  $O(n^2)$ , utilizando a propriedade de monotonicidade da ABB, assim descrita:

- Se s<sub>k</sub> é a raiz da árvore ótima para o conjunto {s<sub>i</sub> ...s<sub>j</sub>}, então a raiz da árvore ótima para o conjunto {s<sub>i</sub> ...s<sub>j</sub>, s<sub>j+1</sub>} é s<sub>q</sub> para algum q ≥ k.
- Analogamente,  $q \le k$  para  $\{s_{i-1}, s_i ... s_i\}$ .



### 6.5 ABB Ótima



A ideia do algoritmo para construção da ABB ótima, se a distribuição de probabilidade de acesso <u>NÃO é uniforme</u>, é conseguir:

 Colocar as chaves de maior frequência de acesso próximas à raiz, e as de menor frequência de acesso próximas às folhas.

Por fim, é importante dizer que a ABB ótima NÃO é necessariamente única.



### FIM 1<sup>a</sup>. Parte







### **UFABC**

## 7. Árvores Balanceadas



- Um aspecto fundamental do estudo de árvores de busca é, naturalmente, o custo de acesso a uma chave desejada.
- Vimos que ABBs completas garantem buscas utilizando não mais que log<sub>2</sub> n + 1 comparações.
- Mais importante, sabemos que ABBs, se construídas por inserção aleatória de elementos, têm altura logarítmica (em n) na média.



- Entretanto, não podemos assegurar que ABBs construídas segundo qualquer ordem de inserção sempre têm altura logarítmica.
- Ou seja, as ABBs se restringem mais a aplicações estáticas, pois inserções e remoções podem eliminar a desejável condição de altura logarítmica.

- A idéia então é modificar os algoritmos de inserção e remoção de forma a assegurar que a árvore resultante é sempre de altura logarítmica.
- Este é o conceito de árvores balanceadas.



Há duas variantes bem conhecidas:

Árvores AVL Árvores Rubro-Negras

 Em geral, rebalancear uma árvore quando ela deixa de ser completa (devido a uma inserção ou remoção, por exemplo) pode ser muito custoso (até n operações)



 Uma idéia é estabelecer um critério mais fraco que, não obstante, garanta altura logarítmica.

# 7.1 Árvores AVL



### 7.1 Árvores AVL

O critério sugerido por Adelson-Velskii e Landis é o de garantir o seguinte:

 Para cada nó da árvore, a altura de sua subárvore esquerda e a altura de sua subárvore direita diferem de no máximo 1.

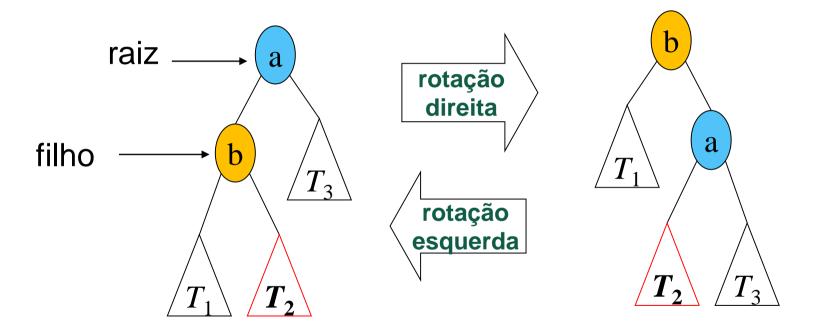
Para manter essa condição, depois de alguma inserção ou remoção que desbalanceie a árvore, utilizam-se operações de custo O(1), chamadas rotações.

### 7.1 Árvores AVL



- A AVL não necessariamente é uma árvore completa, mas tem altura logarítmica (i.e., h = O(log n)).
- Em particular, se a diferença entre a altura da subárvore esquerda e altura da subárvore direita é zero, então a AVL é completa.
- Por fim, toda árvore completa é AVL, mas nem toda AVL é completa.

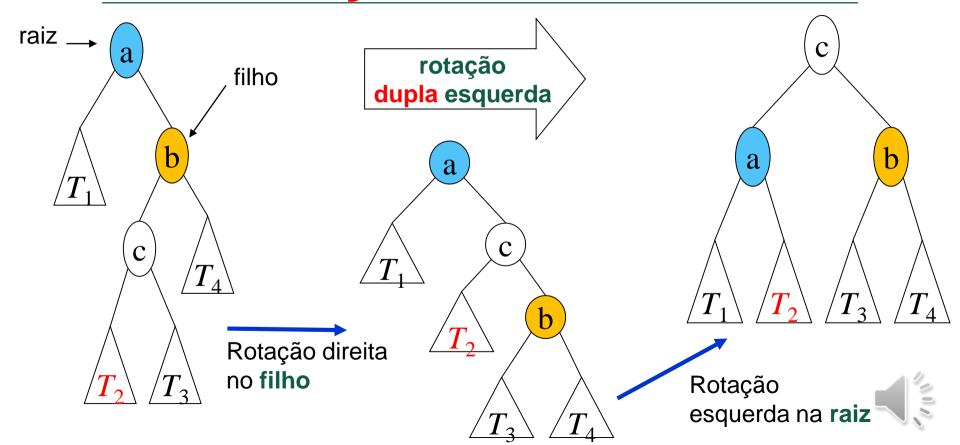
## 7.1.1 Rotações



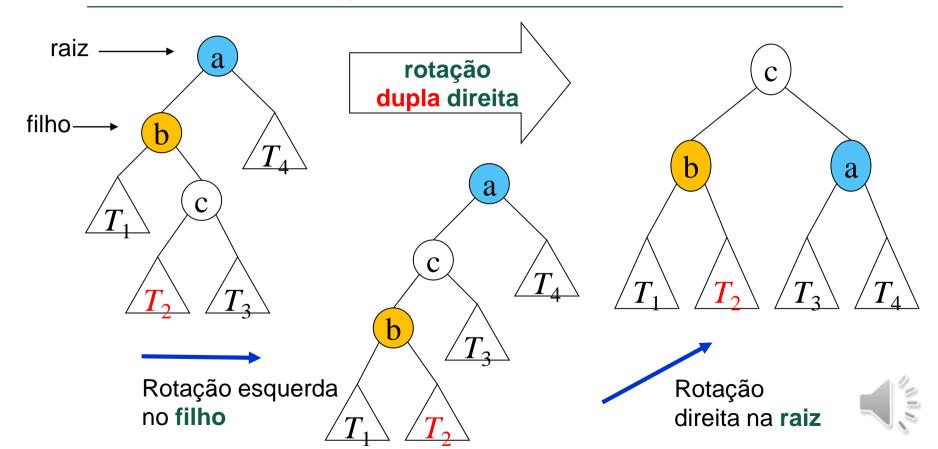
Note que  $T_2$  corresponde ao intervalo de valores (b, a)



## 7.1.1 Rotações



## 7.1.1 Rotações



## 7.1.2 Inserção

 Precisamos manter em cada nó um campo extra chamado alt, que vai registrar a altura da árvore ali enraizada.



Uma alternativa (em vez manter a altura em cada nó)
seria manter apenas a diferença de altura entre as
subárvores esquerda e direita.

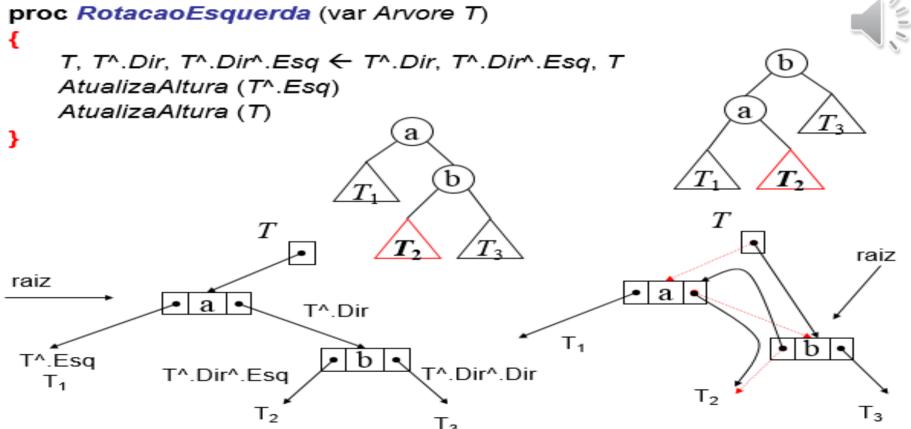
### 7.1.2 Inserção: rotinas para altura

Para acessar (saber) e atualizar as alturas das árvores:

```
proc Altura (Arvore T)
    se T = Nulo então retornar 0
    senão retornar T^.Alt
proc AtualizaAltura (Arvore T)
    se T≠ Nulo então
       T^{Alt} \leftarrow max (Altura (T^{Sg}), Altura (T^{Dir})) + 1
```



# 7.1.2 Inserção: rotinas rotação



## 7.1.2 Inserção: rotinas rotação

```
proc RotacaoDireita (var Arvore T)
     T, T^{.Esq}, T^{.Esq}. Dir \leftarrow T^{.Esq}, T^{.Esq}. Dir, T
    AtualizaAltura (T^.Dir)
    AtualizaAltura (T)
                  proc RotacaoDuplaEsquerda (var Arvore T)
                      RotacaoDireita (T^.Dir)
                      RotacaoEsquerda (T)
proc RotacaoDuplaDireita (var Arvore T)
    RotacaoEsquerda (T^.Esq)
    RotacaoDireita (T)
```



## 7.1.2 Inserção: algoritmo

```
proc InserirAVL (Chave x, var Arvore T)
   se T = Nulo então {
      T ← Alocar (NoArvore)
      T^{\bullet}.Val, T^{\bullet}.Esg, T^{\bullet}.Dir, T^{\bullet}.Alt \leftarrow x, Nulo, Nulo, 1
   senão {
            se x < T^{\wedge}. Val então {
               InserirAVL (x, T^*.Esq)
               se Altura (T^.Esq) – Altura (T^.Dir) = 2 então
                     se x < T^*.Esq^*.Val então RotacaoDireita (T)
                     senão RotacaoDuplaDireita (T) }
            senão {
                     InserirAVL (x, T^.Dir)
                     se Altura (T^{\cdot}.Dir) – Altura (T^{\cdot}.Esq) = 2 então
                     se x > T^{\cdot}.Dir^{\cdot}.Val então RotacaoEsquerda (T)
                     senão RotacaoDuplaEsquerda (T)
            AtualizaAltura (T)
```

#### Obs:

- a inserção ocorre sempre nas folhas.
- 2) Quando a inserção ocorre nas folhas dos extremos (esq ou dir), ocorre rotação dupla.
- 3) Quando a inserção ocorre nas folhas que não são extremos, ocorre rotação simples.



## 7.1.2 Inserção: complexidade

- Pode-se ver que apenas uma rotação (dupla ou simples) no máximo é necessária (O(1))
- A atualização do campo altura (O(1)) pode ter de ser feita mais do que uma vez: na verdade, tantas vezes quantos forem os nós no caminho até a folha inserida, i.e., no total O(log n)
- No mais, o algoritmo é idêntico ao da inserção em ABBs, e portanto a complexidade total é O(log n)

**UFABC** 

## 7.1.3 Remoção: complexidade

- Segue as mesmas linhas do algoritmo de inserção.
- Faz-se a remoção do nó como uma árvore de busca comum;
- 2. Analisa-se a informação de balanceamento, aplicando a rotação apropriada se for necessário.
- Mas, diferentemente da inserção, pode ser necessário realizar mais do que uma rotação (até O(log n) rotações).
- Isso n\(\tilde{a}\) afeta a complexidade do algoritmo de remo\(\tilde{a}\), que resulta sendo \(\tilde{O}(\llog n)\).



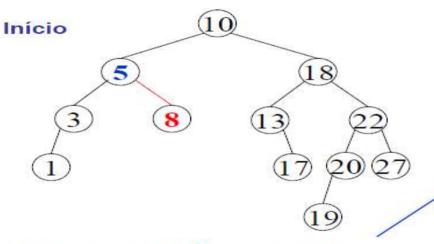
## 7.1.3 Remoção: exemplo



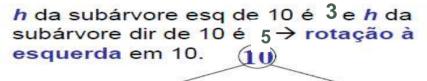
balanceada

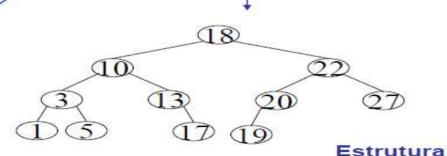
(fim)

Ex: RemoverAVL (8, T)



Ao remover-se 8, será preciso aplicar uma rotação simples à direita em 5 para balancear a estrutura, pois h da subárvore esquerda de 5 é 3 e h da subárvore direita de 5 passa a ser  $1 \rightarrow 3 - 1 = 2$ .





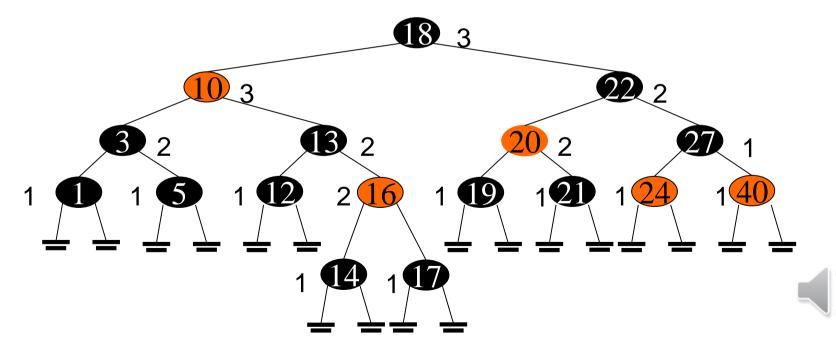


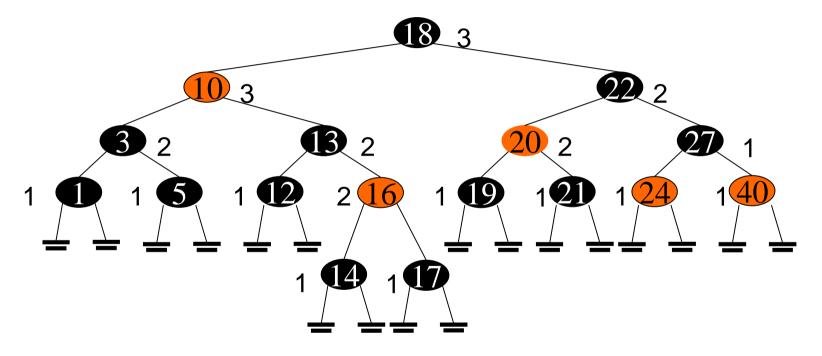




- Também Vermelho e Preto. São ABBs. São balanceadas.
- A todos os nós é associada uma cor que pode ser vermelha ou negra de tal forma que:
- 1. Nós externos (nulos ou subárvores vazias) são negros;
- Todos os caminhos entre um nó e qualquer de seus nós externos descendentes percorre um número idêntico de nós negros;
- 3. Se um nó é vermelho (e não é a raiz), seu pai é negro.
- As propriedades (critérios) acima garantem que o maior caminho da raiz até um nó externo é no máximo duas vezes maior que o de qualquer outro caminho até outro nó externo.

Altura negra de um nó = número de nós negros encontrados até qualquer nó externo descendente. Nesta contagem exclui-se o nó a partir do qual inicia-se a contagem e inclui-se o nó nulo, que é negro.





O ESTUDO DETALHADO DESSE TIPO DE ÁRVORE É DEIXADO COMO ATIVIDADE EXTRACLASSE.



### FIM 2<sup>a</sup>. Parte







## 8. Árvores de Difusão (Splay Trees)

O bom funcionamento de uma estrutura de dados em forma de árvore binária depende, essencialmente, da eficiência com que o problema de BUSCA pode ser resolvido.



- As ABBs: garantem inserção/remoção/busca em tempo logarítmico no caso médio, mas não no pior caso.
- As ABBs balanceadas (AVL/Rubro-Negra): garantem inserção/remoção/busca em tempo logarítmico no pior caso.
- Mas precisamos guardar informação adicional em cada nó (altura da árvore/cor)
- Árvores de Difusão (Splay Tree): É uma ABB autoajustável. Garante boa performance amortizada.

- A árvore de difusão não garante necessariamente um pior caso de O(log n) para acessar algum nó desejado.
- Contudo, ela assegura complexidade AMORTIZADA de O(log n), no pior caso.
- Para alcançar esse objetivo, são realizadas automaticamente operações de ajustes, após cada acesso a algum nó procurado. Essas operações se processam ao longo do caminho da raiz até esse nó.



Custo amortizado NÃO é o mesmo que custo médio.

- Custo médio leva em conta todas as possíveis sequências de operações e o limite é obtido na média.
- Custo amortizado é obtido para qualquer sequência de operações. O custo de cada execução depende das execuções anteriores.

A chamada visão do banqueiro ajuda a entender intuitivamente o conceito de complexidade amortizada. Modela-se o algoritmo como um sistema de avaliação de créditos e débitos. Mostra-se que os créditos compensam os débitos.

<u> https://www.ime.usp.br/~pf/analise de algoritmos/aulas/amortized.htm</u>



 A ideia da árvore de difusão é que as chaves mais RECENTEMENTE acessadas estejam mais próximas da raiz.

 No caso das ABB ótimas, as chaves mais <u>FREQUENTEMENTE</u> acessadas é que ficam próximas da raiz.

### **UFABC**

### 8.1 Árvores de Difusão: discussão

- Uma precondição natural das árvores de difusão é que seu processo de ajuste seja mais simples que aquele executado na ABB balanceada.
- ATENÇÃO: em vez de ter n = 1.000.000 de chaves em uma ABB balanceada sabendo que gasto O(log n), no pior caso, para acessar qualquer chave, mas sabendo também que acesso 99% das vezes as mesmas 100 chaves, é melhor ter uma árvore de difusão de n = 1.000.000 de chaves.

- Isso porque a árvore de difusão vai garantir que aquelas 100 chaves estarão bem próximas da raiz, resultando em um custo de acesso na prática baixo (amortizado O(log n), no pior caso).
- E se depois o conjunto de chaves mais recentemente acessadas mudar, automaticamente a árvore de difusão se ajusta para continuar a ter a mesma eficiência.





## 8.2 Árvores de Difusão: definição

- São ABBs cujo desempenho amortizado é ótimo.
- O tempo total amortizado para realizar qualquer sequência de m operações de inserção/remoção/busca em uma árvore de difusão, incialmente vazia, é O(m log n), no pior caso, onde n é o maior número de nós alcançados pela árvore (i.e., que foram incluídos).





#### **UFABC**

## 8.2 Árvores de Difusão: definição



- Uma árvore de difusão não guarda informações sobre o balanceamento das subárvores.
- É uma estrutura **autoajustável**, isto é, cada operação que é executada **rearruma** a estrutura.
- Caso a operação tenha mau desempenho, a rearrumação garante que a mesma operação, se repetida, será executada eficientemente.

## 8.2 Árvores de Difusão: definição

- Na árvore de difusão, a rearrumação é chamada splaying que significa difundir, espalhar, misturar.
- Todos acessos para inserir/remover/buscar uma chave x em uma árvore de difusão T são precedidos/sucedidos por uma chamada à função splay (x, T), que é a difusão completa de x (detalhada mais adiante).



## 8.3 Árvores de Difusão: operações

- As operações (rearrumações) se iniciam em um certo nó q e se propagam até a raiz da árvore T, por meio do caminho de q a r.
- A operação relativa a q denomina-se difusão de q e emprega as rotações das árvores AVL.
- A difusão do nó q depende da posição de q em relação a seu pai e avô e implica a realização de até duas rotações.

#### **UFABC**

## 8.3 Árvores de Difusão: operações

- Os passos para efetuar a difusão do nó q numa árvore de raiz r, bem como o funcionamento de uma árvore de difusão, são detalhados a seguir:
- Caso 1: q = rNada a efetuar.
- Caso 2: q é filho de v = r
   Caso 2.1: q é filho esquerdo
   Rotação <u>direita</u> em v
   Caso 2.2: q é filho direito
   Rotação <u>esquerda</u> em v



#### **UFABC**

## 8.3 Árvores de Difusão: operações

 Caso 3: q é filho de v ≠ r (seja z o pai de v) Caso 3.1: q, v são ambos filhos esquerdos Rotação direita em z e, em seguida, em v. Caso 3.2: q, v são ambos filhos direitos Rotação esquerda em z e, em seguida, em v. Caso 3.3: q é filho direito e v esquerdo Rotação dupla esquerda em z. Caso 3.4: q é filho esquerdo e v direito Rotação dupla direita em z.

## 8.3 Árvores de Difusão: operações

 A difusão de q deve ser repetida enquanto q for diferente da raiz r, sendo assim sintetizada (difusão completa):

Enquanto q ≠ r efetuar difusão do nó q



- As árvores de difusão empregam essas operações em seu funcionamento da seguinte maneira:
- i) após acessar nó q → efetuar difusão completa de q.
- ii) após incluir um novo nó q → efetuar difusão completa de q.
- iii) após excluir o nó q → efetuar difusão completa do nó que era o pai de q.

## FIM 3<sup>a</sup>. Parte





# 9. Árvores B

- As ABBs são estruturas de dados muito eficientes quando se deseja trabalhar com tabelas que caibam inteiramente na memória principal.
- Considere, porém, o problema de recuperar informação de grandes arquivos de dados que estejam armazenados em memória secundária, e.g., no disco magnético.



- Uma forma simplista de resolver esse problema utilizando ABBs é armazenar os nós da árvore no disco, e as referências (ponteiros) à esquerda e à direita de cada nó se tornam endereços de disco, em vez de endereços de memória principal.
- Se a ABB for balanceada, a pesquisa por um registro necessitará de O(log n) acessos ao disco. Isso significa que, e.g., um arquivo com n = 10e+06 registros necessitará aproximadamente de 20 acessos (buscas) ao disco, o que pode não ser tolerável.



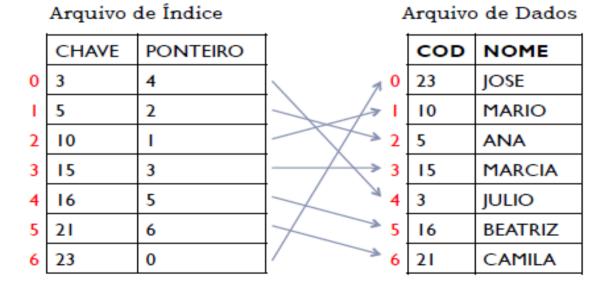
- Para diminuir o número de acessos ao disco, tornando a busca mais eficiente, pode-se pensar da seguinte forma:
- "Agrupar os nós da árvore em páginas e, a cada acesso, trazer para memória principal não mais um único registro, mas sim uma página contendo um conjunto de registros."
- Tecnicamente: diminuímos o nº de ponteiros e a altura da árvore, pois agrupamos os nós em páginas.

 Uma forma equivalente de ter esta mesma discussão é questionarmos sobre o tipo mais eficiente de arquivo de índices para recuperar informação de grandes arquivos de dados armazenados em memória secundária.





Arquivo de índices PLANO.







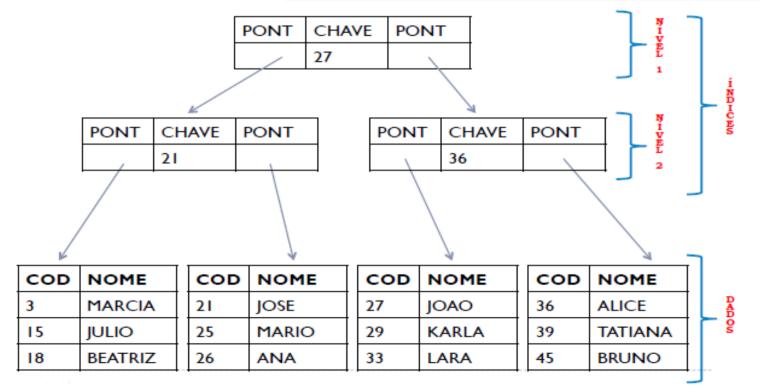
Se percorrermos o arquivo de índices sequencialmente para encontrar uma chave, o índice não será de muita utilidade.

 Pode-se fazer busca um pouco mais eficiente (e.g., busca binária), se o arquivo de índices estiver ordenado. Mas, mesmo assim, isso não seria o ideal.

#### Daí, alternativamente:

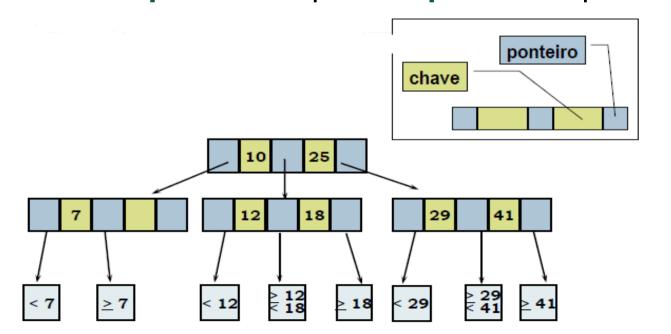
 Os arquivos de índices NÃO seriam estruturas sequenciais, e sim hierárquicas. Os índices NÃO apontam para um registro específico, mas para uma página de registros (e dentro da página é feita busca sequencial) – exige-se que os registros dentro de uma página estejam ordenados.

Arquivo de índices <u>HIERÁRQUICO ou MULTINÍVEL</u>





A maioria das estruturas de arquivos de índice é implementada por árvores de busca. Note que as chaves são ordenadas e funcionam como separadores para os ponteiros para os filhos.





#### **UFABC**

## 9.2 Árvores B: definição



Ante a discussão anterior, temos então:

- Devemos empregar árvores de busca n-árias balanceadas.
- Cada nó (página) deve ser mantido cheio. Isso para não desperdiçar operações de leitura (acessos ao disco).
- O tempo de busca a uma chave deve ser logarítmico.
- Uma estrutura de dados que tem essas qualidades é a B-tree (Árvore B), que nada mais é do que uma árvore de busca n-ária à qual se impõe critérios adicionais.

## 9.2 Árvores B: definição



Cada nó, exceto o nó raiz, tem entre n/2 e n chaves.

- O **nó raiz** tem entre 1 e *n* chaves (ou nenhuma, se a árvore estiver vazia).
- As folhas estão sempre no mesmo nível.
- A ordem m da árvore é assim calculada: m = n/2.

#### <u>Cada</u> nó A é da forma $P_0C_1P_1C_2P_2...C_kP_k$ , onde $P_i$ é:

- Um ponteiro para outro nó da árvore contendo apenas chaves cujos valores são maiores ou iguais a C<sub>i</sub> e menores que C<sub>i+1</sub> (se o nó A é interior); ou
- Um ponteiro nulo (se o nó A é folha).

#### **UFABC**

## 9.2 Árvores B: definição



Bayer e McCreight, Comer, dentre outros, definem a ordem m como sendo o número mínimo de chaves que uma página pode conter, ou seja, com exceção da raiz, todas podem conter esse número mínimo de chaves.

Essa definição pode causar **ambiguidades** quando se quer armazenar um **número máximo n ímpar** de **chaves**. Ex: se quisermos **no máximo n = 7 chaves** em cada página, qual será a **ordem da árvore?** m = n/2 = 3,5?

Já Knuth propôs que a ordem fosse o número máximo de páginas filhas que toda página pode conter. Dessa forma, o número máximo de chaves por página ficou estabelecido como a ordem menos um.

Por simplicidade, vamos aqui sempre ADMITIR: m = n/2, onde n é o número máximo de chaves em cada página, e n é sempre par.

#### **UFABC**

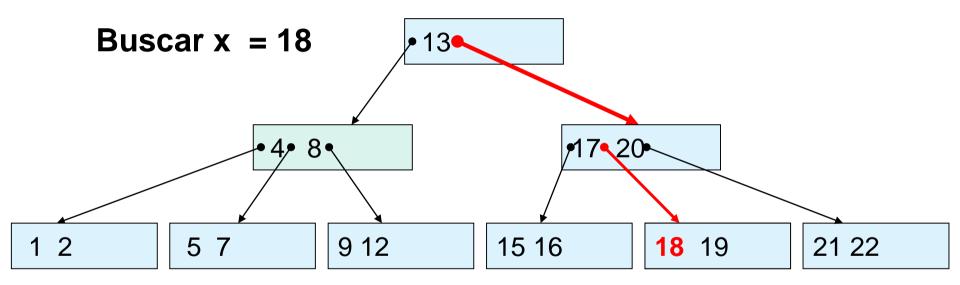
### 9.3 Árvores B: algoritmo de busca

#### Seja X o valor buscado:

- 1. Nó raiz é lido
- 2. Faz-se uma busca binária (array) nas k chaves do nó.
  - 2.1. **Se X** for encontrado, o algoritmo termina retornando Verdadeiro
  - 2.2. **Senão**, **X** corresponde ao intervalo de algum P<sub>i</sub> .
    - 2.2.1 Se  $P_i$  é <u>nulo</u>, o algoritmo termina retornando Falso
    - 2.2.2 **Senão**, o nó apontado por  $P_i$  é lido e retorna-se
    - ao <u>passo 2</u>



## 9.3 Árvores B: algoritmo de busca





- 1. Buscar o nó folha onde o valor X deve ser inserido.
- 2. Se o nó ainda tem lugar, insere X e algoritmo termina.
- 3. <u>Senão</u>, dividir as n+1 chaves em três grupos: % Overflow
  - [1] as [n/2] menores chaves,
  - [2] a chave mediana; e
  - [3] as [n/2] maiores chaves.
  - Grupo [1] permanece no nó folha
  - Grupo [3] vai formar um novo nó folha
  - Grupo [2] (chave mediana), é inserida (recursivamente se necessário) no nó pai. Se não existe nó pai, uma nova raiz é criada.

#### **Lembrete: Mediana**



Mediana: valor central do conjunto que divide a sequência de valores em <u>duas partes iguais</u> (mesmo número de valores abaixo e acima do valor central).

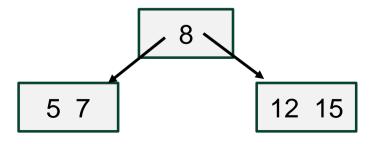
- Os valores devem estar ordenados.
- Depois de ordenados os valores, por ordem crescente ou decrescente, a mediana é:
- □ O valor que ocupa a posição central, se a quantidade desses valores for ímpar;
- ☐ A **média dos dois valores centrais**, se a quantidade desses valores for **par**.

**Exemplo:** *n* = 4; Ordem de Inserção:

8 5 15 12 7 16 13 9 1 2 3 17 19 18 21 22 20

5 8 12 15

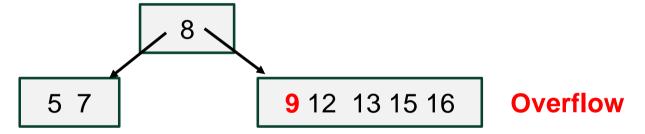
5 7 8 12 15 Overflow: não há espaço para inserir 7 (limite é n = 4)

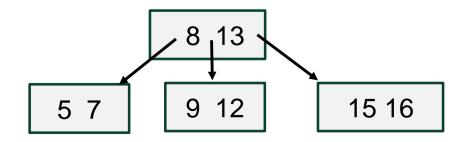




**Exemplo**: *n* = 4; Ordem de Inserção:

8 5 15 12 7 16 13 9 1 2 3 17 19 18 21 22 20

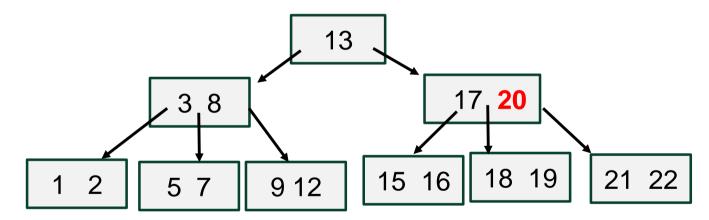






**Exemplo**: *n* = 4; Ordem de Inserção:

8 5 15 12 7 16 13 9 1 2 3 17 19 18 21 22 20



\*Estrutura final.



## 9.5 Árvores B: algoritmo de remoção

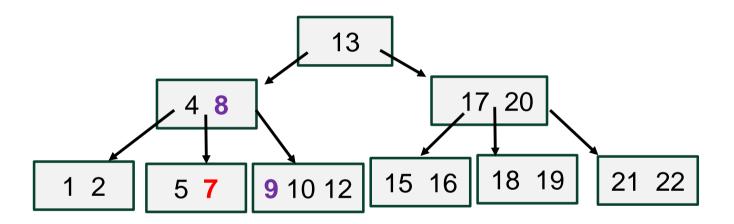
- O algoritmo de exclusão (remoção) de uma chave é um pouco mais complexo do que o de inserção.
- Há vários casos a serem considerados, dado que:
- Nó que contém a chave é folha ou interior?
- Há risco de underflow (nó fica com chaves de menos) ou não?





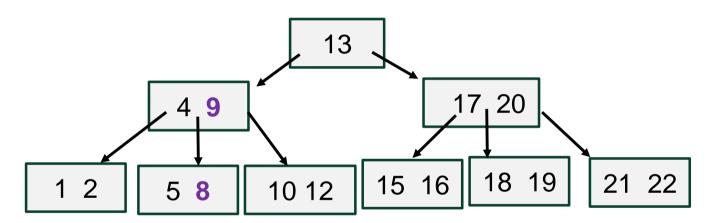
- 1. Se a chave está em um NÓ FOLHA
- <u>Se</u> o nó não corre risco de underflow, a chave é removida e o algoritmo termina
- Senão, duas situações são possíveis:
- a) O nó vizinho à esquerda ou à direita têm uma chave para emprestar, isto é, não corre o risco de underflow.
   Neste caso fazer operação de empréstimo.
- b) Ambos os vizinhos têm o número mínimo de chaves.
   Neste caso fazer a operação de combinação do nó com um de seus vizinhos.

Exemplo 1: Remoção da chave 7, n = 4 (mínimo n/2 = 2)



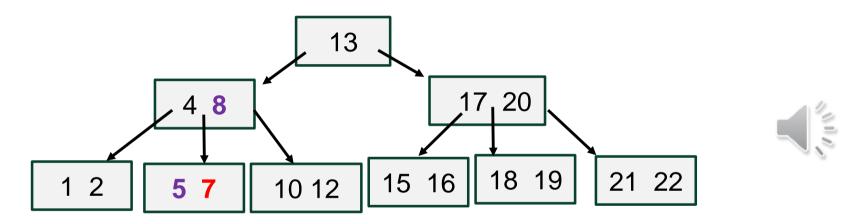
1. a) O nó vizinho à esquerda ou à direita têm uma chave para emprestar, isto é, não corre o risco de underflow. Neste caso fazer operação de empréstimo.

Exemplo 1: Remoção da chave 7, n = 4 (mínimo n/2 = 2)



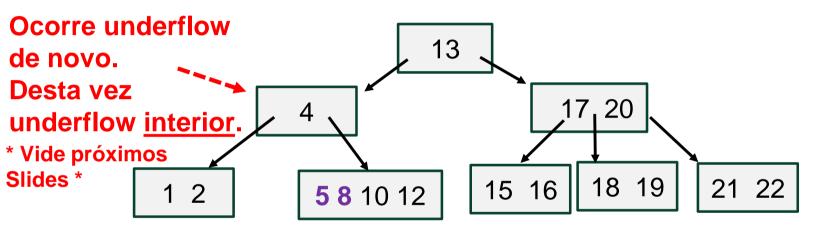
1. a) O nó vizinho à esquerda ou à direita têm uma chave para emprestar, isto é, não corre o risco de underflow. Neste caso fazer operação de <u>empréstimo</u>. (Mas precisarei descer 8 e subir 9)

Exemplo 2: Remoção da chave 7, n = 4 (mínimo n/2 = 2)



1. b) Ambos os vizinhos têm o número mínimo de chaves. Neste caso fazer a operação de <u>combinação</u> do nó com um de seus vizinhos. (Ex.: combinar com o nó [10 12], mas precisarei descer a chave 8)

Exemplo 2: Remoção da chave 7, n = 4 (mínimo n/2 = 2)

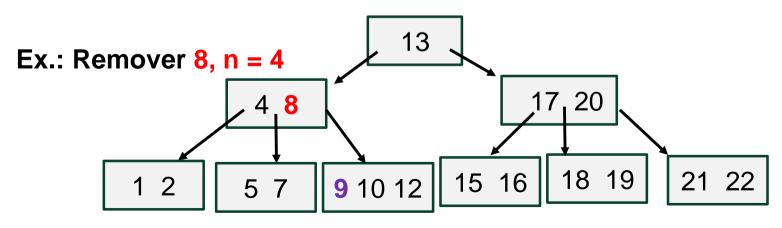


1. b) Ambos os vizinhos têm o número mínimo de chaves. Neste caso fazer a operação de <u>combinação</u> do nó com um de seus vizinhos.

## 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR

#### 2. Se a chave está em um NÓ INTERIOR

a) <u>Se</u> é possível fazer uma operação de empréstimo entre os nós filhos à esquerda e à direita, então fazê-la e remover a chave do filho que a recebeu.

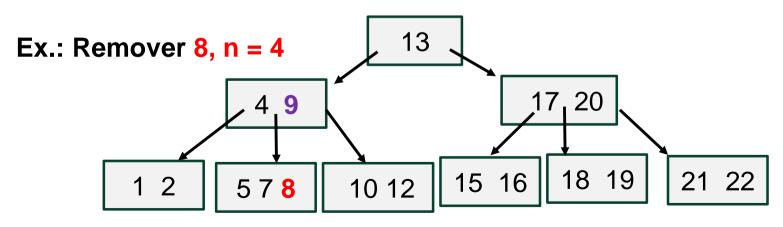




## 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR

### 2. Se a chave está em um NÓ INTERIOR

a) Se é possível fazer uma operação de empréstimo entre os nós filhos à esquerda e à direita, então fazê-la e remover a chave do filho que a recebeu.

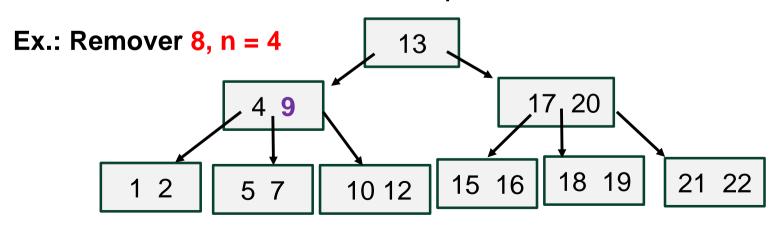




## 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR

### 2. Se a chave está em um NÓ INTERIOR

a) <u>Se</u> é possível fazer uma operação de empréstimo entre os nós filhos à esquerda e à direita, então fazê-la e remover a chave do filho que a recebeu.





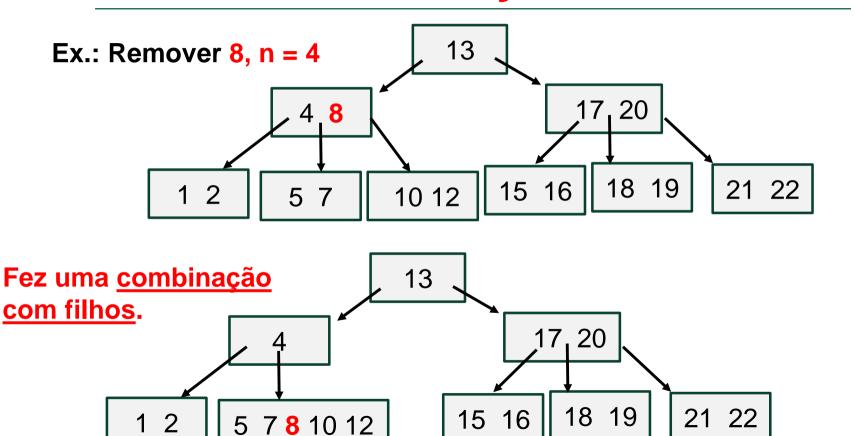
#### 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR

#### 2. Se a chave está em um NÓ INTERIOR



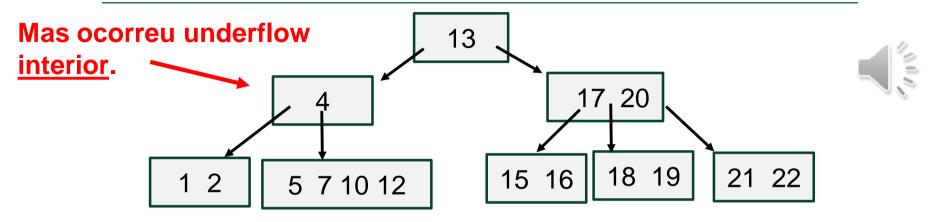
- b) <u>Se</u> NÃO é possível fazer uma operação de empréstimo entre os nós filhos à esquerda e à direita:
- <u>Combine-os</u> (junto com a chave) e <u>remova</u> a chave do nó filho resultante
- <u>Se</u> o nó interior resultante estiver com underflow, aplicar um <u>empréstimo</u> com um nó vizinho se possível, ou então uma <u>combinação</u>. (Isso pode propagar-se até a raiz).

# 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR





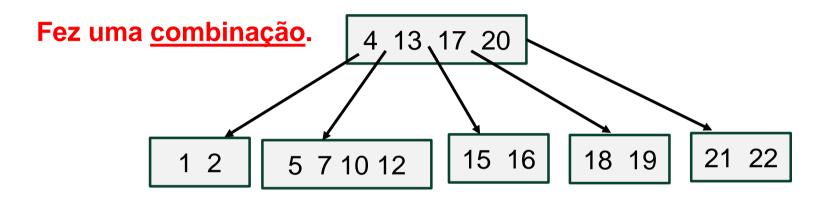
#### 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR



 <u>Se</u> o nó interior resultante estiver com underflow, aplicar um empréstimo com um nó vizinho se possível, ou então uma combinação. (Neste exemplo precisarei de uma combinação).

#### **UFABC**

# 9.5 Árvores B: remoção no NÓ INTERIOR



• Se o nó interior resultante estiver com underflow, aplicar um empréstimo com um nó vizinho se possível, ou então uma combinação. (Isso pode propagar-se até a raiz).

# 9.6 Árvores B: peculiaridades



- A árvore B é simples, de fácil manutenção, eficiente e versátil.
- O custo para recuperar (buscar), inserir e retirar (remover) registros do arquivo é logarítmico. Essas operações sempre deixam a árvore balanceada.
- O espaço utilizado pelos dados é, no mínimo, 50% do espaço reservado para o arquivo (i.e., poucos ponteiros).
- A altura esperada de uma árvore B não é conhecida analiticamente.

### 9.6 Árvores B: peculiaridades

 O caminho mais longo em uma árvore B de ordem m com N registros contém no máximo cerca de:

$$N^{o}$$
 de páginas =  $\log_{2m+1} N$ 

 Foi provado que os limites para as alturas (h) máxima e mínima de uma árvore B, de ordem m contendo N registros, são:

$$\log_{2m+1}(N+1) \le h \le \log_{m+1}(\frac{N+1}{2})$$

 Consegue armazenar índice e dados na mesma estrutura (mesmo arquivo físico).



# 9.7 Árvores B: variantes







#### 9.7 Árvores B: variantes

- Existem diversas variantes para implementação da árvore B original. Dentre elas, citamos: Árvores B\* e Árvores B+.
- O "Asterisco \*" é usualmente lido como "Estrela".
- Menciona-se que há obras na literatura em que B+ é chamado de B\* e vice-versa.







#### 9.8 Árvores B: variante B\*

- Todos os nós, exceto a raiz, precisam estar 2/3 cheios, em contraste com 1/2 exigido pela árvore B original.
- De forma geral, como aspecto diferenciador e peculiar, os n\u00e3s n\u00e3o s\u00e3o divididos logo que ocorre overflow em uma inser\u00e7\u00e3o.
- Em vez disso, ocorre a redistribuição de chaves se houver espaço no nó vizinho (irmão), até que ocorra overflow em ambos. Neste momento, os dois nós são então divididos em três nós.
- Na prática, NÃO é muito utilizada.



### 9.9 Árvores B: variante B+

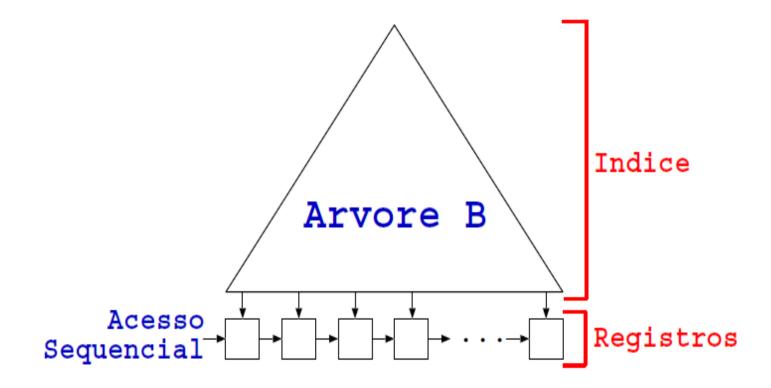
- Os dados (registros) são armazenados nas folhas.
- Os níveis acima do último nível (folhas) constituem um índice, cuja organização é a organização de uma árvore B.
- No índice só aparecem chaves (i.e., registros nas folhas).
- As folhas são estruturadas como uma lista ENCADEADA da esquerda para direita.
- Permite-se o armazenamento dos dados em um arquivo, e do índice em outro arquivo separado.

#### 9.9 Árvores B: variante B+



- Para procurar (buscar) um registro, o processo de pesquisa inicia-se na raiz da árvore e continua até uma página folha.
- Como todos os registros residem nas folhas, a pesquisa não para se a chave (do registro procurado) for encontrada em uma página do índice. Nesse caso, a referência à subárvore direita é seguida até que uma página folha seja encontrada.

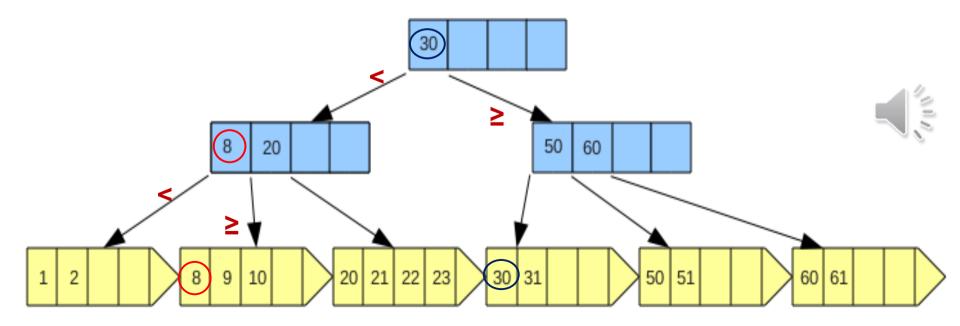
### 9.9 Árvores B: variante B+





#### 9.9 Arvores B: variante B+

**EXEMPLO:** Índice em azul: estrutura de árvore B; navegação: < à esquerda, ≥ à direita; Registros em amarelo, nas folhas; navegação: da esquerda para direita, para acesso sequencial aos registros.



#### 9.10 Árvores B: Síntese

- Deixa-se maior detalhamento como atividade extraclasse.
- Árvores B e B+ são muito importantes por sua eficiência.
- Exemplos de aplicações:
- **Sistemas de arquivos**: NTFS, ReiserFS, NSS, XFS, JFS, ReFS, HFS+ e HFS (Apple), AIX, sistemas Linux como brtfs e Ext4, etc;
- Bancos de Dados Relacionais: IBM DB2, Informix, Microsoft SQL Server, Oracle 8, Sybase ASE, SQLite, etc;
- Sistemas de gerência de dados como CouchDB, Tokyo Cabinet e Tokyo Tyrant.

#### FIM 4<sup>a</sup>. Parte



#### **UFABC**

# 10. Árvores Digitais



- Também chamadas de Tries.
- Edward Fredkin, o inventor, usa o termo trie (do inglês, "retrieval") (recuperação), porque essa estrutura é basicamente usada na recuperação de dados.
- De acordo com essa etimologia ele é pronunciado [tri] ("tree"), embora alguns encorajem o uso de [traɪ] ("try") de modo a diferenciá-lo do termo mais geral tree.

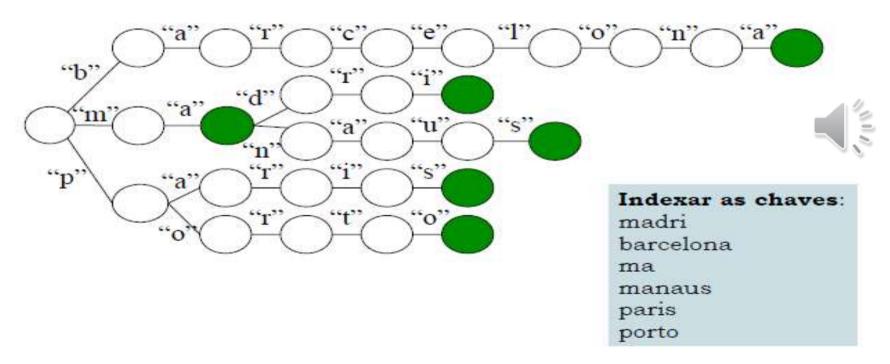
# 10. Árvores Digitais



- A diferença básica entre a busca digital e aquela examinada anteriormente é que a chave, na busca digital, não é tratada como um elemento único, indivisível.
- Isto é, assume-se que cada chave é constituída de um conjunto de caracteres ou dígitos, definidos em um alfabeto apropriado.
- Em vez de se comparar a chave procurada com as chaves do conjunto armazenado, a comparação é efetuada, individualmente entre os dígitos (ou caracteres) que compõem as chaves, dígito a dígito (ou caractere a caractere).

# 10.1 Árvores Digitais: exemplo

Ideia: nós verdes apontam para os registros correspondentes às chaves, e nós brancos apontam para nulo.



# 10.2 Árvores Digitais: definição

- S = {s1, ..., sn} é o conjunto de chaves a serem indexadas.
- Cada chave si é formada por uma sequência de elementos dj denominados dígitos.
- Supõe-se que existe, em S, um total de m dígitos distintos, que compõe o alfabeto de S.
- Os dígitos do alfabeto admitem ordenação, tal que:

 Os p primeiros dígitos de uma chave compõe o prefixo de tamanho p da chave.

# 10.2 Árvores Digitais: definição

Formalmente, uma **árvore digital** para **S** é uma árvore **m-ária T**, não vazia, tal que:

- 1. Se um **nó v** é o **j-ésimo** filho de seu pai, então **v** corresponde ao dígito **dj** do alfabeto de **S**.
- 2. Para cada **nó v**, a **sequência** de **dígitos** definida pelo **caminho desde a raiz de T até v** corresponde a um **prefixo** de alguma chave de **S**.





# 10.3 Árvores Digitais: síntese geral



• A árvore digital se constitui em uma árvore de ponteiros.

 Nós que correspondem ao último dígito de uma chave válida apontam para o registro correspondente da chave.

 Nós que não correspondem ao último dígito de uma chave válida contém um ponteiro nulo.

#### 10.4 Árvores Digitais: algoritmos



Nos **algoritmos** a seguir, supõe-se que a **árvore digital m-ária T** se encontra armazenada da seguinte maneira.

Cada nó v apontado por pt, pt ≠ Nulo, possui m filhos ordenados, apontados por pt^.pont[1], pt^.pont[2], ..., pt^.pont[m], respectivamente. Se algum i-ésimo filho deste nó está ausente, então pt^.pont[i] = Nulo.

Se nó v for nó terminal (que contém último dígito da chave) de alguma chave, então pt^.info = terminal; caso contrário pt^.info = não terminal.

### 10.5 Árvores Digitais: buscar x

A chave x a ser procurada (buscada) possui k dígitos, denotados por d[1], d[2], d[3], ..., d[k].

O parâmetro pt indica o nó corrente da árvore, em exame, enquanto I e a indicam o resultado da busca. O valor retornado por I é o tamanho do maior prefixo de x que coincide com um prefixo de alguma chave.

Esse <u>prefixo</u> é obtido percorrendo-se a árvore desde a sua raiz até o nó w apontado por pt, ao final do processo.

### 10.5 Árvores Digitais: buscar x

- Se a = 1, a chave foi encontrada no nó w; caso contrário, a = 0.
- A variável ptraiz armazena um ponteiro para a raiz da árvore.
- A chamada externa é buscadig(x, pt, l, a), com:

$$pt = ptraiz, I = a = 0$$



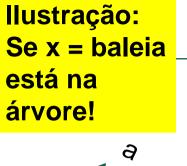
#### 10.5 Árvores Digitais: buscar x



```
% pt = ptraiz; I = a = 0; x = baleia; k = 6; d[1] = b; d[2] = a, ...
% k = n<sup>o</sup> de dígitos da chave x; pt^.info = terminal ou não terminal
```

```
Procedimento buscadig(x, pt, I, a)
Se I < k então
 Seja j a posição de d[l + 1] na ordenação do alfabeto.
            % Ex: x = baleia; S = \{ a, b, ... \}, d[1] = b e j = 2.
 Se pt^.pont[ j ] ≠ Nulo então
       pt := pt^.pont[ j ]; | := | + 1
       buscadig(x, pt, I, a)
Senão se pt^.info = terminal então a:=1 % encontrei x
```

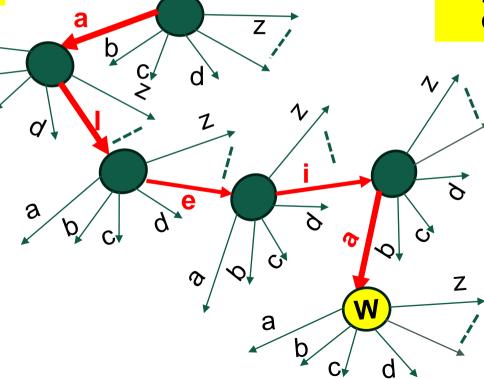
#### **UFABC**



Nó W:

Ζ

- pt^.info = terminal
- W possui ponteiro para o registro de chave x = baleia

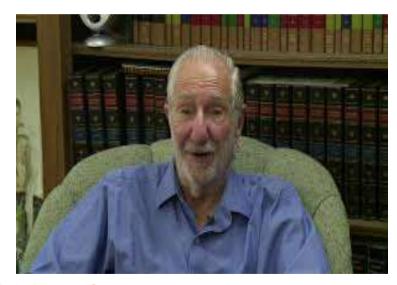


pt

# 10.6 Árvores Digitais: incluir x

Para incluir uma nova chave x = d[1],...,d[k] em uma árvore m-ária T, utiliza-se o algoritmo buscadig.





Edward Fredkin (\*1934 +2023, 88 anos) foi um <u>físico</u> <u>estadunidense</u>.



# 10.6 Árvores Digitais: incluir x

- Se x foi localizado na árvore, então a inclusão é inválida.
- Caso contrário, a busca determina o nó w da árvore, apontado por pt, tal que o caminho da raiz até w corresponde ao maior prefixo que coincide com x. O tamanho I desse prefixo também é conhecido após a busca.
- Seja j a posição de d[l + 1] na ordenação de dígitos. Então um novo nó é incluído em T, sendo o j-ésimo filho de w. O processo se repete até que todos dígitos de x sejam incluídos.

# 10.7 Árvores Digitais: complexidade

A construção da árvore digital considera a inclusão de cada chave individualmente, iniciando por uma árvore contendo unicamente a raiz. É possível mostrar que:

A complexidade da busca de x é O(k(log m + 1)), onde m é o nº de dígitos distintos do alfabeto e k é o tamanho da chave x.

A complexidade da inclusão é O(k1 log m + k2 m), onde k1 é o tamanho do maior prefixo comum a x e a alguma outra chave da árvore, e o valor de k2 é o número de nós a serem incluídos na árvore devido a inclusão de x. Isto é: k1 + k2 = k.

# 10.7 Árvores Digitais: complexidade

 Veja que a complexidade da busca independe do número total de chaves (e do tamanho do arquivo).

 Outra vantagem é que as chaves podem possuir tamanho arbitrário e variável.

# **Árvore Digital Binária**



# 10.8 Árvore Digital Binária



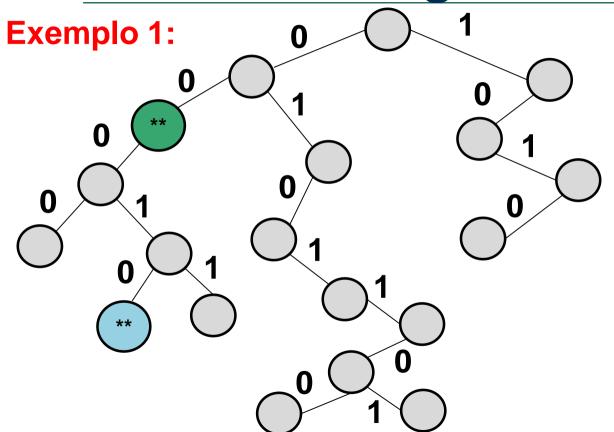
Uma árvore digital binária é, simplesmente, o caso binário da árvore digital m-ária com m = 2. Nesse caso, o alfabeto de  $S = \{0, 1\}$ .

Assim sendo, esta árvore é uma árvore binária e cada chave é uma sequência binária. A seleção do filho esquerdo de um nó é interpretada como o dígito 0, e o direito como dígito 1.

A maior utilização das árvores digitais se dá, possivelmente, nesse caso binário.



# 10.8 Árvore Digital Binária



#### **Chaves:**



# 10.8 Árvore Digital Binária

Observando-se o Exemplo 1, nota-se que:

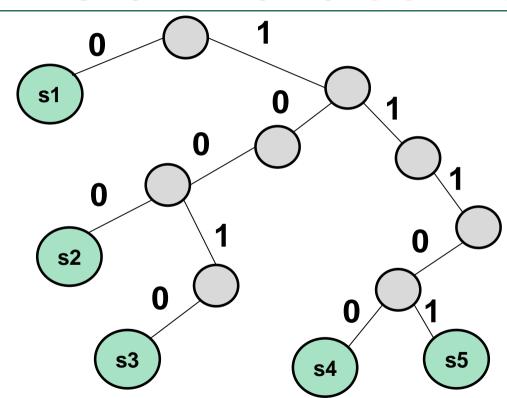


- Há chaves binárias que são prefixos de outras da coleção;
- Exemplo: a chave 00 é prefixo da chave 00010, i.e., o caminho da raiz até o nó (\*\*), correspondente à chave 00, é parte daquele até o nó (\*\*), que corresponde a 00010;
- Em especial, a <u>árvore binária de PREFIXO</u> é uma <u>árvore binária digital</u> tal que <u>nenhum código</u> (chave) é <u>prefixo</u> de outro.

## 10.9 Árvore Binária de Prefixo

Exemplo 2:

Árvore Binária de Prefixo



#### **Chaves:**

s0=0 s1=1000 s3=10010 s4=11100 s5=11101



### 10.9 Árvore Binária de Prefixo

- Em uma <u>árvore binária de PREFIXO</u>, há uma correspondência entre o conjunto das chaves e o das folhas da árvore. Isto é, cada chave é unicamente representada por uma folha e a codificação binária dessa chave corresponde ao caminho da raiz até essa folha.
- Árvore Patricia (Practical Algorithm to Retrieve Information Coded in Alphanumeric) é uma implementação da árvore digital binária. A árvore Patricia é estritamente binária (i.e., nós têm 0 ou 2 filhos), não possuindo, portanto, zigue-zagues (subárvores parciais cujos nós possuem um único filho).

#### 11. Síntese Final



Este módulo apresentou o tema Árvores.

O tema foi desenvolvido sob o enfoque geral de Algoritmos e Estruturas de Dados.

Os slides desta aula estão em

https://sites.google.com/site/carlokleber/disciplinas-

ministradas/aed-2

A lista de exercícios, disponível no site acima, propicia a oportunidade de praticar, complementar e fixar o conteúdo ministrado.



#### Prática e Estudo Individual

Acesse o MOODLE tempestivamente, acesse a aba atividades e realize a atividade prevista.



### Referências

- Cormen, T. H et al., Algoritmos: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2ª edição, 2002
- Ziviani, N. Projeto de Algoritmos com implementação em Java e C++.São Paulo: Editora Thomson, 1ª edição, 2007
- Szwarcfiter, J. L.; Markenzon, L. Estruturas de dados e seus algoritmos. Editora LTC, 3ª edição, 2010.
- João Arthur Brunet, 2019. Estruturas de Dados e Algoritmos, Computação @ UFCG, <a href="http://joaoarthurbm.github.io/eda">http://joaoarthurbm.github.io/eda</a>.
- Ferraz, I. N. Programação com Arquivos. Editora Manole Ltda., 2003.



#### Fim





Prof. Carlo Kleber da Silva Rodrigues carlo.kleber@ufabc.edu.br